

UMA EXPERIÊNCIA TEATRAL NO ENSINO DE HISTÓRIA NA EJA

Área Temática de Educação

Resumo

Este texto relata experiência teatral desenvolvida a partir das aulas de História com os alunos do primeiro ano do segundo segmento do Projeto de Ensino Fundamental de Jovens e Adultos da Universidade Federal de Minas Gerais. O projeto Turma 42 e 43 enCena teve como objetivo possibilitar, através de uma compreensão mais rica e significativa do universo cultural grego antigo, a leitura e a encenação da tragédia Édipo Rei de Sófocles. O desenvolvimento dessa proposta se deu através de debates, leitura e produção de textos, análise de vídeo sobre o teatro grego, atividades artísticas para confecção de máscaras e cenário, leitura e interpretação da obra Édipo Rei e apresentação de uma leitura dramática para todas as pessoas que participam do Projeto. Durante essa leitura trabalhou-se a oralidade e a dramaticidade dos alunos. Como resultado os alunos tiveram uma vivência teatral, proporcionada pela experiência direta de produzir e encenar uma peça, e o contato com uma das obras mais importantes da cultura grega antiga. Observou-se, com esse projeto, que é extremamente importante possibilitar ao aluno uma experiência que ultrapasse os currículos escolares, permitindo o aumento de sua auto-estima e um significativo desenvolvimento de suas capacidades cognitivas e sensitivas.

Autor

Luiz Felipe Lopes Cunha - Graduando em Filosofia

Instituição

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas/Departamento de Filosofia

Palavras-chave: teatro; oralidade; história

Introdução e objetivo

O Projeto de Educação de Jovens e Adultos Segundo Segmento da Universidade Federal de Minas Gerais (PROEF-II) é um projeto de extensão que faz parte do NEJA – Núcleo de Educação de Jovens e Adultos da Faculdade de Educação – e que oferece a jovens e adultos, que não tiveram acesso à educação básica na idade regular, formação correspondente ao segundo segmento do ensino fundamental. O PROF-II tem em sua grade curricular cinco disciplinas tipicamente escolares - História, Geografia, Ciências Naturais, Português, Matemática - e uma disciplina que visa a desenvolver projetos interdisciplinares, chamada Atividade Especial. Observa-se, portanto, uma carência de atividades que julgamos essenciais ao ensino fundamental, como por exemplo, as desenvolvidas nas aulas de: Artes Plásticas, Artes Cênicas, Literatura e Educação Física. Os alunos, por estudarem a noite e trabalharem de dia, dificilmente podem participar dessas atividades em outras oportunidades que não as proporcionadas pela escola. Foi pensando em como suprir algumas dessas carências curriculares que implementamos nas aulas de História o projeto Turma 42 e 43 enCena.

Além disso, essa proposta visou a possibilitar, através de uma compreensão rica e significativa do universo cultural grego antigo, a leitura e a encenação da tragédia Édipo Rei de Sófocles. Compreendendo o momento histórico em que surge o teatro grego e suas relações com a construção do cidadão na Grécia Antiga, tivemos como principais objetivos o

desenvolvimento de competências e habilidades de leitura, interpretação e produção de texto, análise de vídeos, leitura dramática, produção de máscaras e cenários, e a compreensão por parte dos alunos de que o conhecimento escolar não é construído apenas dentro de sala de aula e através de livros didáticos. Além desses, permitir o contato e a ressignificação da obra de arte, já que essa passou a ser utilizada como ponto de referência na compreensão do saber histórico e como lugar propício para o desenvolvimento da oralidade.

O objetivo desse texto é relatar como os alunos das turmas 42 e 43 interagiram com a proposta teatral e qual a relevância desta perspectiva, que é transdisciplinar, já que extrapola os conteúdos da área de História, para a construção de um currículo que realmente atenda às necessidades do aluno de EJA.

Metodologia

O projeto Turma 42 e 43 enCena foi dividido em três grandes momentos: 1. contextualização, compreensão do universo cultural grego e do chamado “milagre grego”; 2. estudo do teatro trágico, leitura da obra Édipo Rei, produção das máscaras e do cenário, e ensaio da leitura dramática; 3. apresentação da leitura dramática a todos os alunos, professores, coordenadores do projeto e familiares. No entanto, não se deve pensar que no decorrer do projeto esses momentos foram tratados de forma completamente separada uns dos outros, já que a contextualização foi constantemente analisada durante a leitura da obra de Sófocles.

Antes do primeiro momento, foi feito o levantamento do interesse que os alunos das turmas 42 e 43 tinham em conhecer a obra Édipo Rei e encená-la para os demais alunos do PROEF-II.

Para o desenvolvimento do primeiro momento, partimos da análise do mapa-múndi, identificando o continente europeu e a Grécia. Esse foi o primeiro passo para a compreensão de que os gregos viviam em cidades-estados – polis – já que a Grécia Antiga não constituiu um Estado unificado, como a sociedade egípcia. Os alunos já haviam estudado a sociedade egípcia antiga, o que permitiu uma importante comparação entre Grécia e Egito. Utilizando transparências de pinturas, arquiteturas e esculturas egípcias e gregas, foram discutidas as relações que a arte grega tinha com a egípcia.

A partir desse ponto ficou relativamente fácil compreender que a sociedade grega tinha um modo peculiar de construção do espaço geográfico. O conceito de polis – cidade-estado independente – é fundamental para todo o estudo da Grécia Antiga, pois é a partir dele que o professor pode trabalhar a pluralidade cultural existente entre as sociedades gregas. Isso deve ser enfatizado porque é relevante construir com os alunos a idéia de que enquanto em Atenas a administração da polis era pensada de forma democrático-escravista, em Esparta a oligarquia era a forma política adotada; enquanto Atenas era conhecida por toda Península Balcânica como centro de encontro dos pensadores – filósofos, sofistas, retóricos, aedos, escultores, juristas, etc. –, Esparta era uma sociedade tradicional pouco ou nada aberta para novas práticas culturais. É em Atenas que surge o teatro trágico e entender o porque disso é importantíssimo para compreender os temas discutidos pelos trágicos.

Nessa etapa do projeto Turma 42 e 43 enCena, foram trabalhados com os alunos textos retirados do livro O Mundo de Sofia de Jostein Gaarder. Textos que mostram o que é a mitologia grega, qual o seu papel na educação do povo grego, quem foram os filósofos da natureza, o que pretendiam e porque foram expulsos de várias polis gregas. Educação grega, mitologia grega e filosofia da natureza são temas relevantes não só para compreender o mundo grego, mas também para se compreender o desenvolvimento da racionalidade no mundo ocidental.

Outra atividade importante a ser relatada aconteceu na aula em que foi feita uma audição de música grega antiga. Nessa aula os alunos ouviram fragmentos reconstruídos

dessas músicas e descreveram sensações que a melodia os provocava. Com essa prática pudemos conversar um pouco sobre o papel que a música tinha na educação do povo grego.

Todos esses temas foram desenvolvidos a partir de seminários de leitura de textos, pesquisas em biblioteca durante o período das aulas e sistematizações feitas junto às turmas – nunca levadas prontas pelo professor.

Esse primeiro momento foi, portanto, uma rica contextualização do universo cultural grego e permitiu situar os alunos no período conhecido como “milagre grego”, momento em que surge o teatro trágico.

No segundo momento os alunos assistiram a um trecho de um documentário sobre a Grécia Antiga produzido pela Discovery Channel. Esse trecho continha informações sobre: Dionísio, o deus do teatro e da orgia; os primórdios do teatro e suas relações com os rituais místicos e religiosos; o ator grego e o papel da máscara no teatro trágico; Ésquilo, Sófocles e Eurípides, os três grandes escritores trágicos. Cada ponto desse documentário foi discutido com os alunos que produziram pequenas redações sobre os temas mais relevantes.

A produção das máscaras teve início logo após a discussão sobre o papel que elas tinham no teatro trágico. Cada aluno produziu uma máscara usando a técnica do “papel colê”. A pintura dessas máscaras foi adiada para quando soubéssemos os papéis que cada um assumiria na leitura dramática. Essa parte do trabalho contou com a colaboração da professora que leciona a disciplina de Artes Plásticas no ensino regular do Centro Pedagógico – onde à noite funciona o PROEF-II.

Ao término da produção das máscaras foram realizadas duas aulas expositivas para a contextualização específica da obra Édipo Rei. Essa contextualização foi fundamental para que os alunos compreendessem que a leitura de Édipo Rei pressupõe o conhecimento de fatos decisivos para o desenrolar da tragédia. Por que existe uma maldição sobre os Labdácos? Por que Laio manda matar seu único filho? Por que Édipo acredita ser um estrangeiro em Tebas e como ele assume o reinado dessa polis? Vale lembrar que os gregos antigos que assistiam às tragédias conheciam as histórias encenadas, pois para eles o fundamental era o como a tragédia se desenrola. Portanto, sem uma prévia assimilação da história como um todo, a pequena parte, Édipo Rei, perde seu sentido e passa a ser de difícil compreensão para nós que a lemos hoje. Compreendido o contexto dessa obra deu-se início a sua leitura.

Foram adquiridos 53 livros da tragédia Édipo Rei. Desses, 18 foram comprados pelo PROEF-II e 35 pelos alunos. Para a leitura completa da obra em sala foram utilizadas 12 aulas. Nessas aulas as formas de leitura variaram. Em algumas delas cada aluno leu em voz alta um trecho ou uma fala de personagem, em outras escolhemos dois ou três alunos para a leitura dos diálogos durante toda a aula, e o coro era lido por toda a sala ao mesmo tempo. Durante essas leituras foram discutidas interpretações da obra, palavras não compreendidas e relações com o que foi trabalhado sobre o modo de vida dos gregos antigos. As palavras cujo significado era desconhecido formaram glossários produzidos em sala com o auxílio do dicionário. Resumos de trechos da obra foram feitos pelos alunos em atividades realizadas em casa.

Lida a obra, partimos para o ensaio da leitura dramática, pintura das máscaras e produção do cenário.

Os ensaios foram realizados na sala de teatro da escola. Algumas técnicas de teatro como relaxamento corporal, alongamento dos músculos faciais e desinibição dos atores, foram praticadas em ensaios. A peça foi dividida em seis atos, sendo que cada ato teve alunos diferentes representando personagens que se repetiam no decorrer da obra. A turma 42 representou os três primeiros atos e a 43 os três últimos atos. Foram feitos seis ensaios com cada turma, sendo que o último foi um ensaio geral que reuniu as duas turmas.

Definido os atores de cada personagem, terminamos de confeccionar as máscaras que foram pintadas com cores que distinguiriam os personagens da peça. Todos os alunos que

representaram Édipo tinham máscaras da cor azul, as mulheres que representaram Jocasta usaram máscaras vermelhas, e assim sucessivamente.

O cenário foi produzido em horário extraclasse e por isso não pôde contar com a presença de todos os alunos. Foram necessárias dez horas para sua armação e pintura. O aluno Ivan, que confecciona faixas, foi o responsável por sua produção desde a armação até a pintura e contou com a colaboração de outros cinco colegas e o professor de História.

No terceiro e último momento ocorreu a leitura dramática da peça para todo o Projeto. A coordenação do PROEF-II reservou duas horas de um dia letivo para a apresentação da leitura dramática, que contou com o aluguel de som e com a filmagem.

Depois foi feita uma atividade de discussão de um texto produzido pelo professor de História que revisou e finalizou esse projeto, enfocando as relações entre Dionísio, o teatro trágico e o momento político-cultural em que este surge.

Resultados e discussão

Conhecemos, durante todo o processo, a visão de mundo dos gregos: a formação das polis; a mitologia e suas relações com a educação; os filósofos da natureza e seu embate com os mitos; o surgimento da democracia; a arte grega; o surgimento do teatro trágico e a relação deste com a mitologia e as novas concepções políticas nascentes nesse período. Mas nossos resultados não pararam aí. Vivemos o teatro trágico através de uma das obras literárias mais belas e significativas da Grécia Antiga, o que significou uma transformação da relação dos alunos e professores para com o conhecimento Histórico. De fato, a disciplina História passou ser um momento transdisciplinar onde o teatro era o objetivo maior a ser atingido. A partir da leitura e interpretação da obra Édipo Rei, os alunos passaram a realmente compreender o quão relativo são as visões de mundo construídas pelos povos e a respeitar a diversidade cultural existente. Sentimentos de beleza e tristeza que brotaram da leitura tornaram vivas as crenças gregas antigas. Édipo não estava distante, em outro mundo, mas dentro de cada um. Essas relações com a obra foram as mais variadas possíveis. Alguns relatam que choraram ao ler o texto, outros disseram que é horrível alguém querer escrever algo tão trágico. O fato é que toda a Grécia Antiga foi relacionada ao teatro trágico e, mais especificamente, a obra Édipo Rei. Tivemos na obra de arte o desenvolvimento de habilidades como leitura, interpretação, análise, síntese, escrita, argumentação, oralidade, memorização, estabelecimento de relações, raciocínio crítico, e de atitudes como respeito, hábito de leitura, participação etc.

O significado de diversidade cultural – que não se resume em saber que existem outras culturas, mas também em compreender que o ser humano ao se relacionar com o meio, transforma o mesmo na proporção em que cria a cultura, ou seja, o mundo não é um dado pronto e acabado – foi construído no momento em que os alunos tiveram contato direto com o texto de Sófocles, que trás informações e sentimentos de extrema relevância ao povo grego. Mas esse trabalho não serviu apenas para conhecer o mundo grego. A obra de arte, quando realmente vivida e refletida, nos permite conhecer a nos mesmos e a ressignificar nosso papel no mundo. É o que relata a aluna Maridalva: “Trazida para a realidade humana, a tragédia Édipo Rei retrata a insignificância e frágil estabilidade social, financeira e intelectual que o homem tanto se orgulha de possuir.(..) Durante a leitura e mesmo apresentação de Édipo Rei, esta foi a questão que me fez meditar, e concluí que as rédeas de nossas vidas nem sempre estão presas às nossas mãos como imaginamos.” Também nesse sentido vai o relato da aluna Maria Dalva: “(...) Isso me fez refletir muito, e descobri que na nossa vida também é assim. Nem sempre conseguimos fugir ao nosso destino.” A condição do ser humano, tema importantíssimo para a compreensão desta tragédia, possibilitou a esses alunos um olhar reflexivo sobre suas vidas. Quando esse tipo de pensamento é atingido pelo estudante, podemos dizer que ele se apropriou da obra para com ela criar suas próprias idéias acerca das informações nela contida.

No entanto, é importantíssimo explicar que o texto somente foi plenamente compreendido no momento em que passamos a ensaiar a leitura dramática. Vários alunos que encontravam dificuldades em compreender a estrutura do texto teatral, mostraram êxito quando liam ou ouviam seus colegas lendo o texto de forma dramática. A dificuldade de compreensão de algumas palavras extrapolava o não entendimento de seu significado – a dificuldade também estava em saber ler a palavra. A dificuldade também se encontrava, para esses alunos, em compreender que os nomes que vinham antes de cada fala se referiam a indicação de quem falava aquela frase. Portanto, na leitura dramática, a oralidade desencadeou o entendimento da estrutura de um texto teatral.

A oralidade não só permitiu o melhor entendimento do texto por parte dos alunos, mas também deu ao professor a percepção de habilidades que os alunos tinham mas que não eram visíveis a este. Muitas vezes, os alunos entendiam o texto, mas não conseguiam expressar de forma clara suas idéias através da escrita. Ao ensaiar, o simples fato do aluno saber qual momento em que sua fala deve ser lida, evidenciava a compreensão da estrutura do texto. Aqueles que tinham dúvidas eram ajudados por seus colegas que acompanhavam o ensaio.

A apresentação do teatro para todos do PROEF-II não trouxe apenas “frio na barriga”. Ela resgatou o sentimento de “importância”. A auto-estima dos alunos transformou o que poderia ser um “teatrinho” num espetáculo onde se observou o verdadeiro talento de muitos alunos. Todos aqueles que assistiram à peça impressionaram-se com o cenário, as roupas e a bela leitura dramática apresentada. O professor de Português da turma 42 espantou-se ao ver que alunos com baixo desempenho em sua matéria, demonstravam uma leitura clara e fluente no teatro. A responsabilidade que os alunos assumiram e o compromisso com a leitura dramática, permitiram que professores repensassem os métodos avaliativos de suas disciplinas. Outras turmas, que assistiram ao teatro, pediram para seus professores que também produzissem uma peça. Diante dessas reações passamos a entender o real significado de relatos como o da aluna Maria das Dores: “Esta foi a primeira vez que eu participei de um teatro, foi uma sensação boa, que só a gente que estava ali, sabendo que tem uma platéia nos observando, entende que é muito importante.”

O teatro permitiu também que habilidades não trabalhadas no PROEF-II fossem contempladas. Um exemplo foi a produção do cenário. O aluno Ivan, junto com os alunos Antonio e José Pereira, demonstrou talento para a pintura e a produção de cenário. Foi um momento em que sua arte e a capacidade dos seus ajudantes de trabalhar em grupo, pôde ser exposta para todos que participam do projeto.

As turmas 42 e 43 demonstraram, com o teatro, terem a capacidade de trabalhar em grupo. Um grupo de 53 pessoas. Um grupo onde todos se preocupavam com todos, para que o teatro fosse perfeito. Nas palavras do aluno Renilton: “Avisa pro pessoal todo que nós não estamos brincando de fazer teatro não, esse teatro é coisa séria!”

Conclusões

O projeto Turma 42 e 43 em Cena privilegiou, além da compreensão do universo cultural grego, a oralidade envolvida na leitura dramática. Ouve atividades onde o conhecimento histórico sobre a Grécia Antiga foi privilegiado, mas o objetivo a ser alcançado, e que julgamos ter sido bem sucedido, foi a produção teatral. Os alunos, nessa proposta, eram o centro da ação pedagógica. Nesse sentido, organizamos uma situação de aprendizado em que o aluno superou suas dificuldades e se envolveu em um projeto de conhecimento. Nossa perspectiva parte da disciplina para a transdisciplinariedade. Construímos dispositivos e seqüências didáticas relacionadas a um conteúdo de extrema importância para a inserção cultural. Assim, os alunos das turmas 42 e 43 não tiveram apenas a oportunidade de ler um texto importante, mas também de serem atores em um palco e compreender que há várias formas de se desenvolver situações de aprendizado. Ou seja, uma peça de teatro também é

uma boa forma de desenvolver e avaliar o conhecimento dos alunos. A oralidade permite compreender um contexto histórico, pois, a partir da encenação, os alunos entenderam a riqueza e a complexidade da cultura grega. Devemos parar de focar a avaliação na escrita e começar a desenvolver outros métodos avaliativos que permitam ampliar o aprendizado do aluno e possibilitem uma verdadeira inserção destes em todas as áreas do conhecimento.

É preciso notar, como a LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação – já diz, que os processos do sentir devem ser estimulados nas escolas, pois eles também são processos construtores do conhecimento. Atividades que desenvolvem essas competências podem e devem ser introduzidas nas disciplinas. A História pode trabalhar com o teatro, com as Artes Plásticas, com a Literatura e com as atividades físicas sem se preocupar em não estar trabalhando apenas os seus conteúdos específicos. O professor deve ter em mente que a educação fundamental é um espaço de construção de projetos de ensino que abarquem todas as possibilidades de inserção cultural. Conhecer a tradição é uma das missões da escola fundamental. Na EJA – Educação de Jovens e Adultos – o desenvolvimento de atividades teatrais permite trabalhar o corpo, a auto-estima, a oralidade, o respeito ao outro, trazendo significados que extrapolam a escola. Trabalhar a auto-estima na EJA é de extrema importância, pois os alunos jovens e adultos sentem-se, muitas vezes, excluídos e inferiorizados.

Acreditamos que essa experiência teatral extrapolou o PROEF-II e que os alunos que participaram dessa experiência nunca se esquecerão de quem foi Édipo, qual foi o seu destino e, principalmente, como foi ser Édipo.

Referências bibliográficas

- ARISTÓTELES, Poética. Trad. Eudoro de Souza. In: Os Pensadores. 1. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- GAARDER, Jostein. O mundo de Sofia. Trad.: João Azenha Jr. 9. ed. São Paulo: Cia das Letras, 1995.
- KLEIMAN, Ângela B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: Os significados do letramento, uma nova perspectiva para a prática social da escrita. 1. ed. São Paulo: Mercado de Letras, 1994.
- PREENOUD, Philippe. 10 novas competências para ensinar. Trad.: Patrícia Chittoni Ramos. 1. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- SÓFOCLES, Édipo Rei. Trad.: Agostinho da Silva. 1. ed. Chile: Lord Cochrane S.A., 1988.
- VERNANT, Jean Pierre & NAQUET, Pierre Vidal. Mito e tragédia na Grécia Antiga. Trad.: Anna Lia A. de Almeida Prado, Maria da Conceição M. Cavalcante, Filomena Yoshie Hirata Garcia. 1. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1977.